



Kátia Regina Giesen & Leni Ribeiro Leite (2019) *As cartas de elogio de Plínio, o Jovem*. Vitória: EDUFES, 250 p. ISBN: 978-85-7772-440-6. R\$45,00

Renato Cardoso Corgosinho (PUC Minas)
renatoccor@yahoo.com.br

Plínio, o Jovem, é “depositário fiel” de uma tradição retórica que a duras penas se firmara e cristalizara em Roma. O que se denomina retórica romana, com efeito, deriva (como expressão teórica e prática) daquela que se desenvolvera na Grécia, tendo conseguido, entretanto, ganhar contornos e nuances que a distinguiam das origens helênicas, uma vez que precisou se adequar e conformar ao profundamente enraizado e propalado pragmatismo romano. É com esse espírito de sistematização que surgem os tratados de Cícero (século I a.C.), as *Suasórias (Suasoriae)* e *Controvérsias (Controuersiae)* de Sêneca, o Retor, e a monumental *Instituição Oratória (Institutio Oratoria)* de Quintiliano (século I d.C.), peças que interpenetrariam e contagiariam definitivamente a obra epistolográfica de Plínio, configurada como genuíno testemunho dessa tradição.

A *ars bene dicendi* já havia se transmutado, ao impulso do viés utilitário e pragmático dos romanos, e sob a égide dos grandes retores, em verdadeira *scientia bene dicendi*, com objetivos bastante claros: o aprendizado e o aperfeiçoamento do discurso e da argumentação, através da educação oratória, como instrumento validíssimo de *status* e prestígio. Servindo-se do recurso da palavra e da persuasão, o orador podia defender posições e transmitir valores, o que lhe franquearia, em tese, autoafirmação e empoderamento social.

Entre as espécies de discurso que a retórica greco-romana estabeleceu e significou, está o “epidítico” (ou de elogio/louvor), largamente empregado por

Plínio em suas cartas. Não por acaso constitui essa a temática central da investigação que as autoras Kátia Regina Giesen e Leni Ribeiro Leite desenvolvem na obra intitulada *As cartas de elogio de Plínio, o Jovem*.

Na introdução, a premissa fundamental se anuncia: Plínio, representante legítimo, como vimos, de uma linhagem de oradores romanos ilustres, escrevera diversas cartas cujo intuito principal era louvar/elogiar seus destinatários, o que, conforme as autoras, revelaria que Plínio valeu-se com frequência, em seu epistolário, de um dos diversos recursos que tanto a retórica grega quanto a romana preconizavam, ou seja, o discurso epidítico ou demonstrativo.

O elogio como recurso retórico já havia sido tratado antes de Plínio, mormente por Aristóteles (*Retórica*), entre os gregos, e por Cícero (*De oratore*) e Quintiliano (*Intitutio Oratoria*), entre os romanos. Cícero, a título de exemplo, em um passo famoso de seu tratado *Do orador*, discorrendo encomiasticamente e com grande carga poética sobre a importância da oratória e da figura do orador, dirá, entre outras coisas, na tradução de Maria Helena da Rocha Pereira:

[...] Quem [a não ser o orador] pode *exortar* à virtude com mais ardor, afastar dos vícios com mais acrimônia, *censurar* a desonestidade com mais aspereza, *louvar* os bons com mais elegância, quebrar o ímpeto das paixões com mais veemência, ou aliviar os desgostos com mais doces *consolações*? (II.33-35, grifos nossos)¹

Destacamos no trecho aquilo que a retórica e seus preceitos, na visão de Cícero, poderiam potencializar ou desenvolver por intermédio da formação oratória, a saber, a capacidade de *exortar*, *censurar*, *louvar* e *consolar*. Dessa forma, para além do currículo técnico e prático através do qual se exercitavam os trejeitos corporais, a impostação e o tom da voz, a seleção das palavras e a construção dos períodos, seria imprescindível que o orador assumisse também o papel de preponderância social que lhe seria destinado. Toda a formação recebida nas escolas dos retores, aliás, visaria a isso.

Nessa perspectiva, as autoras do livro que ora resenhamos destacam as subdivisões temáticas das cartas de Plínio (p. 17), que nos permitem entrever o influxo retórico conforme a concepção ciceroniana. Dentre as cartas, estão as de louvor (epidíticas),² como já apontado, e as admoestatórias (que incluem

¹ M.H.R. Pereira (1990) *Estudos de história da cultura clássica: Cultura romana*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

² As autoras reivindicam para si a maternidade da expressão “cartas epidíticas ou laudatórias”. (p. 16)

conselho, louvor e censura). A partir da constatação de que Plínio exercera o elogio/louvor como expediente retórico em sua correspondência, delimitou-se um *corpus* mínimo de 13 epístolas – traduzidas e acompanhadas do texto original em latim na seção de apêndices do livro –, entre 247 constantes dos nove primeiros livros do epistolário de Plínio, ressaltando-se, contudo, que o elogiado deveria ser um coetâneo ainda vivo do autor e que as cartas apresentassem estruturas que a retórica já havia descrito como próprias do discurso epidítico. Destaque-se que foram identificadas um total de 46 cartas que “apresentam encômios que obedecem, em algum grau, aos parâmetros descritos pela retórica antiga” (p. 17), mas limitam-se a 35 as que são destinadas a contemporâneos de Plínio ainda vivos, o que foi um dos critérios declarados do estudo. Intentou-se desse modo estabelecer um *corpus* que pudesse espelhar o gênero discursivo epidítico nas cartas de Plínio.

O objetivo que se nos apresenta é “examinar de que modo e com quais funções Plínio, o Jovem, utiliza, em sua correspondência, o elogio dirigido a alguns de seus contemporâneos.” (p. 12) Para isso, lançou-se mão de um referencial teórico e bibliográfico consistente, coerente e atual, que contrabalanceia, como não poderia deixar de ser, os vieses histórico, retórico e literário presentes na obra. O conjunto textual adotado, a nosso ver, constituiu importante subsídio para a investigação, dado que logra repercutir e responder adequadamente às exigências que o desafio de analisar o discurso laudatório nas epístolas plinianas impôs às autoras.

Como parte da metodologia, que nos pareceu adequada e enxuta, procurou-se identificar, em cada uma das 13 missivas, a estrutura textual empregada, o modo de configuração do discurso laudatório, bem como os sujeitos (históricos) encomiados pelo remetente.

Não se poderia deixar de mencionar, como apontado na introdução de *As cartas de elogio de Plínio, o Jovem*, que parece haver um interesse cada vez maior pelos aspectos literários (ou internos) da correspondência pliniana, no que concerne às diversas representações que ela contém,³ compreendidas como “imagens construídas linguística e discursivamente sobre seu próprio autor, sobre seus contemporâneos e sobre sua época”. (p. 15) Fato é que o literário e o

³ De certa forma negligenciados ao longo do tempo devido a uma visão acadêmica depreciativa em relação ao gênero epistolográfico em prosa.

representacional em Plínio, como bem observam as autoras, já constituem objeto de investigação de uma gama considerável de especialistas estrangeiros. No contexto nacional, todavia, identificam-se apenas estudos esparsos, não reveladores de qualquer tendência, muito menos de uma tradição brasileira no campo da análise literária das epístolas plinianas, como pode nos fazer supor a introdução da obra que estamos resenhando. (p. 15) Com efeito, dos três estudos ali citados, dois são dissertações de mestrado, até o momento não publicadas em formato de livro, e o terceiro, um capítulo de livro. A aparente incoerência, no entanto, cede lugar à reafirmação que se faz da inequívoca exiguidade de textos no âmbito nacional que abordem o caráter literário das cartas em análise. (p. 16) Eis aí o gancho que nos permite considerar *As cartas de elogio de Plínio, o Jovem*, um relevante contributo para os estudos clássicos no Brasil.

Algumas questões concernentes ao desenvolvimento do texto, ainda que pontuais, precisam ser consideradas em prol da análise que fazemos da obra em pauta. No capítulo inicial, “A epistolografia na Antiguidade greco-romana”, em que se busca caracterizar a epistolografia como gênero literário, certas imprecisões e contradições se evidenciam. Em relação à escolha das fontes antigas adotadas para a análise da escrita epistolográfica de Plínio, os critérios informados soam contraditórios. Com efeito, dispensaram-se dois tratados gregos exclusivos sobre o gênero epistolar (p. 33), os *Typoí Epistolíkoí* e os *Epistolimaíoi Charaktéres*, o primeiro pela dificuldade de datação (“muito anterior ou muito posterior a Plínio”), o segundo por sua datação tardia (entre os séculos IV e VI d.C.). Foram aproveitados, entretanto, dois textos que apresentam exatamente um e/ou outro desses supostos impeditivos: *Sobre o estilo (Perí hermeneías)*, de Demétrio, escrito no século IV ou III a.C., e o *De epistolis*, de Júlio Vítor, do século IV d.C. (p. 34)

Afirma-se em outro ponto do mesmo capítulo, na esteira provavelmente de Antón (1996, p. 108),⁴ que as cartas de Plínio, embora tenham sido dadas à publicação posteriormente, foram “todas enviadas aos seus amigos e familiares” (p. 58), no entanto, não se percebe o mesmo tom taxativo na introdução do livro: “Suas missivas *provavelmente* foram *de fato* enviadas a amigos.” (p. 23, grifos nossos)

⁴ B. Antón (1996) La epistolografia romana: Cicerón, Sêneca y Plinio. *Helmantica*, Salamanca, 5. 142-143, p. 106-148.

Em determinada altura do segundo capítulo (p. 80), “O epidítico: Demonstração, persuasão e conselho”, que se concentra em apresentar e debater o gênero epidítico, as autoras procuram sustentar que Quintiliano, na *Institutio Oratoria* (3.7.6), “dialoga de forma bastante próxima com a definição aristotélica” relativa aos objetos do discurso de louvor. Parece-nos demonstrado que esse diálogo verdadeiramente ocorre, porém não com o nível de proximidade que se assevera, posto que Aristóteles (*Retórica*) discute a incidência do elogio apenas sobre os homens, enquanto Quintiliano admite-o a homens, deuses, animais e seres inanimados.

No terceiro capítulo, “As representações dos contemporâneos de Plínio nas epístolas laudatórias”, em que se analisam as cartas selecionadas e o modo como Plínio utiliza o gênero epidítico construindo representações, verificamos inconsistência no comentário (baseado em Marchesi)⁵ relativo aos posicionamentos manifestados por Plínio sobre outros gêneros, como a poesia, a história e a oratória. Não fica claro, por exemplo, em que nível ou como “a grande aproximação com a tradição poética de caráter cotidiano, especialmente por meio da imitação de Catulo, Calvo e Marcial” (p. 115), repercute de fato no que há de cotidiano e privado nas epístolas. Também não se esclarece em que sentido e como se deu a imitação desses poetas.

Na seção final desse capítulo, insere-se tardiamente, para justificar a opção por uma análise de conjunto (ao invés de individualizada) das 13 missivas, uma metodologia que não foi anunciada na introdução do livro (ou do próprio capítulo) e que consiste em não proceder a uma análise estrutural e argumentativa detalhada de cada uma das epístolas, mas sim a uma leitura em conjunto com foco nos elementos argumentativos do discurso epidítico. (p. 140)

Quanto à tradução das cartas, algumas observações se fazem necessárias. De um modo geral, é fluida e objetiva, atendendo aos ditames previamente anunciados (p. 205-207) de simplicidade e certa coloquialidade, próximos do gênero epistolar. Optou-se assim por “palavras mais acessíveis”, menos “inversões sintáticas ou rebuscamento da linguagem”. Deve-se considerar, todavia, a ocorrência de equívocos de compreensão e tradução, bem como na

⁵ I. Marchesi (2008) *The Art of Pliny's Letters: A Poetic of Allusion in the Private Correspondence*. New York: Cambridge University Press.

escolha de equivalências semânticas latim-português. Citaremos e comentaremos alguns casos.

Carta 1.10.8

Original latino: [...] *Socer Pompeius Iulianus, cum cetera vita tum vel hoc uno magnus et clarus, quod ipse provinciae princeps inter altíssimas condiciones generum non honoribus principem, sed sapientia elegit.*

Tradução: “[...] Seu sogro, Pompeio Juliano, grande e ilustre, não só pela trajetória de vida, como ainda por este feito, pois foi, ele mesmo, príncipe de província, elegeu-o como primeiro entre as mais altas condições de sua família, não pelas honras, mas pela sabedoria.” (grifo nosso)

Comentários: 1. A expressão *princeps* traduz-se por “o mais ilustre, o mais destacado, o mais importante, o primeiro”; 2. o termo *generum* foi entendido como o genitivo plural de *genus*, *-eris* (“origem, família”), quando, na verdade, é o acusativo de *gener*, *-eri* (“genro”).

Tradução mais adequada do trecho grifado: “[...] pois ele mesmo, sendo o mais destacado da província, escolheu como genro, entre os mais distintos, o primeiro não pelas honras, mas pela sabedoria.”

Carta 5.14.6

Original latino: *His ex causis ut illi sic mihi gratulor, nec privatim magis quam publice, quod tandem homines non ad pericula ut prius verum ad honores virtute perveniunt.*

Tradução: “Por esses motivos todos é que felicito do mesmo modo a ele e a mim, e nem o faço mais em privado do que publicamente, pois enfim a virtude leva os homens às honras e não aos perigos, como outrora.” (grifo nosso)

Comentários: 1. O sujeito do período grifado é “os homens” (*homines*); 2. *virtute* é instrumento (“pelo mérito, pela virtude”); 3. o verbo *pervenire* traduz-se por “alcançar, chegar a”, não por “levar”.

Tradução mais adequada do trecho grifado: “[...] pois os homens, enfim, alcançam pelo mérito as honras, não os perigos, como outrora.”

Carta 8.12.4

Original latino: [...] *sollicitarer tamen vel ingenio hominis pulcherrimo et maxime et in summa severitate dulcissimo, vel honestate materiae.*

Tradução: “[...] eu seria compelido a vê-lo quer pelo engenho desse homem, algo belíssimo e agradabilíssimo não apenas na superioridade, mas também em seu supremo rigor, quer pela dignidade do assunto.”

Comentários: 1. O verbo *sollicitare* traduz-se por “inquietar, provocar, seduzir, atrair”, assim, na forma passiva *sollicitarer* = “eu seria atraído (seduzido, provocado)”; 2. não se traduziu o termo adversativo *tamen* (“contudo”); 3. entendeu-se a repetição *et...et* como conjunções aditivas (“não só...mas também”), o que não é o caso, pois o segundo *et* (“mesmo, também”) está ligado a *in summa severitate* (“mesmo na extrema severidade”); 4. não se traduziu *maxime* (“sobretudo, principalmente”).

Tradução mais adequada do trecho: “Eu seria atraído, contudo, quer pelo engenho desse homem, algo belíssimo e sobretudo agradabilíssimo, mesmo na extrema severidade, quer pela dignidade de [seu] argumento.”

Algo mais teríamos a dizer sobre problemas de revisão gráfica e gramatical encontrados ao longo do texto, mas o espaço que temos disponível para esta resenha não nos permite.

Devemos salientar com veemência, não obstante, que nenhum dos apontamentos críticos (todos pontuais) que fizemos até aqui desmerece a obra em absoluto. Seu valor é intrínseco à própria originalidade da temática e do argumento, à cuidadosa e consistente seleção bibliográfica, aos objetivos, a nosso ver, plenamente alcançados. *As cartas de elogio de Plínio, o Jovem*, constituem o arremate de um estudo promissor que renderá por certo outros frutos para os estudos clássicos e para a academia brasileira. É justamente a seara acadêmica, tão carente em nossas terras de um interesse consolidado e legítimo pelo imenso cabedal de saberes do passado (mas sempre atuais), que, necessitando se redimensionar e ressignificar, deve absorver e repercutir as contribuições originais de todos (inclusive dos neófitos) que investigam a Antiguidade em seus diversos aspectos e nuances.

Data de publicação: 06/04/2022